

ENTREVISTA

Entrevista realizada pelo Diretor do Centro de Promoção Cultural do AGCRJ, Pedro Paulo Malta, com o compositor Haroldo Costa, em 24 de julho de 2025.

Haroldo Costa é produtor, roteirista e grande autor carioca de livros e textos teatrais.

**Pedro Paulo Malta é Diretor do Centro de Produção Cultural do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro
Email: pedro.paulo@prefeitura.rio**

Apresentação

O Ator. Produtor e roteirista de shows, de programas de rádio e de TV. Autor de livros e de textos teatrais. Locutor de rádio, apresentador de TV. Colunista de jornal, compositor e cineasta. Jurado do Prêmio Estandarte de Ouro, que o jornal O Globo dá anualmente – desde 1972 – aos melhores do carnaval carioca.

A quantidade de atividades profissionais de Haroldo Costa em sua trajetória só não impressiona mais do que a memória e a lucidez que ele ostenta aos 95 anos, idade completada no dia 13 de maio deste ano, quando, numa conversa que tivemos por ocasião do aniversário, ouvi dele, com a mansidão de quem não duela com o tempo: “Garanto que a idade não pesa.”

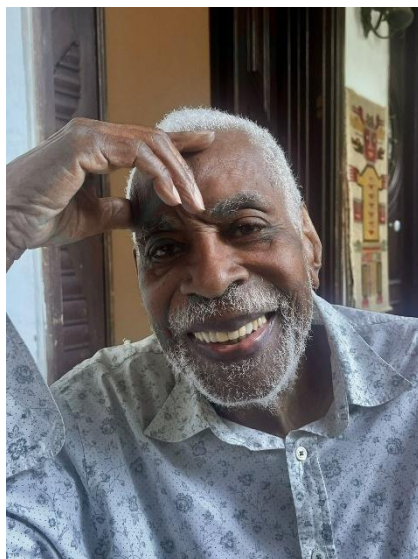
Já o entrevistei algumas vezes, para veículos diversos, e nunca o assunto foi outro que não samba e carnaval. Autoridade máxima que é nestes temas, nada mais natural que o salgueirense Haroldo seja acessado para contar histórias sobre os bambas que conheceu de perto: Pixinguinha, Cartola, Grande Otelo, Ataulfo Alves, Elizeth Cardoso, Elza Soares, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Dona Ivone Lara, entre outros pelés e garrinchas da música brasileira.

Desta vez, no entanto, o gênero musical e a festa se misturam a outros assuntos ligados à Cultura do Rio de Janeiro, eixo temático desta edição. Pois foi com este propósito que o procurei tão logo me foi encomendada uma entrevista para este dossiê: deixar registradas as memórias de um veteraníssimo carioca conhecedor da cidade — inclusive a que já desapareceu, com os cinemas, blocos de carnaval, meios de transporte e costumes que não existem mais.

Só no trecho inicial da conversa as memórias não se ambientam no Rio, mas em Maceió, onde, por motivo de força maior (a morte precoce da mãe

e a incapacidade do pai de criá-lo), viveu até os dez anos de idade, quando foi trazido de volta a sua cidade natal. Datam, portanto, de 1940, as primeiras das incontáveis memórias cariocas que seguem vivas com o quase centenário Haroldo Costa.

A gravação foi feita no fim da tarde de 24 de junho de 2025 (tarde fria e chuvosa), na casa em que Haroldo vive com Mary, sua companheira há quase 70 anos, numa rua sossegada na Gávea, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Na mesa da copa onde conversamos, não faltou cafezinho, água gelada e biscoitos sortidos para acompanhar a prosa.



Fonte: Acervo do autor (2025).

Pedro Malta: Você é a pessoa mais antiga que eu conheço que tem relação com o Rio de Janeiro. Não é a toda hora que a gente encontra alguém de 1930. E aí eu queria conversar contigo sobre a tua relação com a cidade. Você é carioca de onde?

Haroldo Costa: Da Piedade. Era onde morava minha família quando nasci, em 13 de maio de 1930.

Pedro Malta: Nasceu em casa? Nasceu em casa ou no hospital?

Haroldo Costa: Eu não sei se foi na maternidade. A minha família, meu pai, morava na Rua Gonçalo Coelho, na Piedade. E foi lá, lá foi meu berço. Não sei se eu fui da maternidade para lá, não sei se a minha mãe me teve lá. Mas esse foi o meu endereço primeiro é Piedade.

Pedro Malta: Você chega a guardar alguma lembrança disso ou não?

Haroldo Costa: Ah, eu era muito pequeno quando saí de lá. Eu me lembro vagamente de uma casa que tinha porta e janela. Uma janela, eu acho que

ia para a janela. Mas a arquitetura da casa era essa: uma porta e uma janela.

Pedro Malta: Você era filho mais velho, era primogênito dos seus pais?

Haroldo Costa: Primeiro e único. Nenhum irmão.

Pedro Malta: Fale um pouco de seus pais...

Haroldo Costa: A minha mãe eu conheci pouco, né? Eu conheci pouco porque ela faleceu muito jovem, segundo o relato do meu pai, né? O nome dela era Eurídice. Eurídice. Eurídice Costa. E aí...

Pedro Malta: Ela faleceu de quê?

Haroldo Costa: Ela teve o que na época se chama galopante, que era uma tuberculose fatal, né? Então, realmente não guardo nenhuma lembrança, porque meu período com ela foi muito curto. Às vezes me pergunto se era alta ou baixa. Se era mulata, preta ou branca. Mas não sei. Não tive contato físico com ela, então... Eu elaboro umas ideias e tal. A partir do que meu pai dizia. Nem a minha família de Maceió conheceu minha mãe.

Pedro Malta: Ela era carioca?

Haroldo Costa: Era.

Pedro Malta: E seu pai?

Haroldo Costa: Meu pai era alagoano. De Maceió. Chama-se Luiz. Luiz Costa.

Pedro Malta: Que idade você tinha quando você saiu da Piedade para Maceió?

Haroldo Costa: Eu tinha dois anos.

Pedro Malta: Dois aninhos, né? Dois anos não dava pra dizer...

Haroldo Costa: Eu fui pra Maceió depois que minha mãe morreu, meu pai me levou e me entregou pra minha tia, irmã dele, Tia Bezinha. Chamava-se Isabel Costa e é ela que me abriga, que cuida de mim e foi ótimo. A primeira lembrança que guardo de uma manifestação cultural brasileira é de lá: o maracatu. Algo que me marcou, pela força, pela expressividade, a batucada, a indumentária... Tudo muito vivo, né?

Pedro Malta: Onde é que você mora lá?

Haroldo Costa: Morava na Rua Boa Lembrança.

Pedro Malta: E você estudava onde?

Haroldo Costa: Em casa mesmo, a escola era... A escola era da minha tia e funcionava num cômodo, uma sala. Uma sala que meu avô adaptou. Com carteiras e tal. E ela... Ela foi professora de muita gente, né? Uma escola caseira, como era muito comum na época. Ela que me alfabetiza.

Pedro Malta: E é uma figura fundamental na tua formação...

Haroldo Costa: Completamente. Era muito religiosa também. Observava todo o calendário religioso. Mês de Maria, Semana Santa, Natal, Dia de São Benedito... Um calendário que nós cultivávamos. Por exemplo: em maio, mês de Maria, tinha as novenas. E quem puxava essas novenas era ela, Tia Bezinha, no santuário que havia no primeiro andar. Uma sala que meu avô fez e lá colocou imagens de todos os santos. Ele era também muito religioso. Era irmão da Opa, que é uma confraria religiosa.

Padro Malta: Então você conheceu seus avós. Os pais do seu pai.

Haroldo Costa: Conheci bem.

Pedro Malta: Dá o nome deles.

Haroldo Costa: Ele era Adão e a minha avó, Joana. Adão e Joana Costa.

Pedro Malta: O que teu avô fazia...?

Haroldo Costa: Ele era mestre de obra. E D. Joana provavelmente era do lar. E minha tia era professora. Excelente professora. E também tocava bandolim. Fora que era uma pessoa extremamente agradável. E acobertava todas as minhas traquinagens. Me segurava e tal, porque minha avó era pau de dar em doido. E eu devia fazer miséria, né...?

Pedro Malta: Ela era solteira?

Haroldo Costa: Absolutamente. Imagine que ela sacrificou a virgindade dela... Para cuidar de mim. E tinha muitos alunos. Cuidava de todos com muita dedicação, realmente preocupada com aqueles indivíduos em formação. Mais do que uma profissão, esse ato de formar era uma missão.

Pedro Malta: Tia Bezinha formava e catequizava, né...?

Haroldo Costa: Ah, sim. Fui sacristão na Igreja do Senhor dos Navegantes. Sacristão e coroinha. E eu adorava ser coroinha. Tanto que eu já saía de casa fantasiado de coroinha, com a batina que Tia Bezinha fez para mim. Uma batina vermelha e branca, veja só, das cores do Salgueiro. Meu destino. E eu gostava especialmente quando a missa era cantada, pois quem fazia o acompanhamento, tocando órgão, era ela.

Pedro Malta: E você seguiu pela vida religiosa?

Haroldo Costa: À brasileira, né? Depois, muito mais pra cá, conheci candomblé, umbanda, o que acabou se juntando a meu conhecimento litúrgico. Como muita gente no Brasil, né? Por isso, à brasileira. Porque as coisas aqui são assim, misturadas, tradicionalmente. O sujeito vai à missa e ao pai de santo. E comigo não foi diferente. Conheci Joãozinho da Goméia e depois, na Bahia, Olga de Alaketu, Mãe Menininha do Gantois...

Pedro Malta: Mas na sexta-feira, por exemplo, você se veste de branco?

Haroldo Costa: Não, não sou xiita. Só casualmente... Mas guardo algumas obrigações, sim, do candomblé. Gosto muito do candomblé, a religião mais alegre que existe. Você canta o tempo todo. Canta e dança. Como é que eu não ia gostar disso?

Pedro Malta: Como é que se dá a tua volta para o Rio?

Haroldo Costa: Eu não sei qual foi a razão... Mas sei que chegou uma hora em que meu pai decidiu que eu ia voltar pro Rio. Ele já estava casado outra vez, com Dona Áurea – que aliás não gostava de ser chamada de madrasta. Mas me lembro que, no dia da viagem, Tia Bezinha chorou da hora em que acordou até o nosso embarque no *ita*¹ que nos trouxe pro Rio. Era ela

¹ Itacoatiara, Itapé, Itanajé, etc. Assim se chamavam os navios da Companhia Nacional de Navegação Costeira que transportavam passageiros e cargas de cidades do Norte/Nordeste para o Sul/Sudeste durante a primeira metade do século 20. Presentes no imaginário do povo brasileiro (em especial dos imigrantes nordestinos e nortistas), os itas foram retratados em dois sambas intitulados “Peguei um ita no norte”. O primeiro deles uma composição do baiano Dorival Caymmi, que chegou ao Rio em 1938, trazido por um desses navios, e depois o gravou num disco de 1945. O segundo, composto por Demá Chagas, Arizão, Bala, Guaracy e Celso Trindade, foi o samba-enredo com o qual a Acadêmicos do Salgueiro foi campeã do carnaval de 1993, num dos momentos mais marcantes da história do Sambódromo, com a multidão, em coro, cantando o refrão entoado por

chorando e eu também, acompanhando aquela tristeza. E aí chegamos: ela nunca tinha vindo ao Rio e ficou alguns dias depois de me entregar a meu pai. Minha primeira emoção carioca foi, logo depois que o navio atracou no cais, ver o Cristo Redentor.

Pedro Malta: Como era esse Rio de Janeiro que você encontrou em 1940, aos dez anos de idade?

Haroldo Costa: Eu fui para a Lapa, onde meu pai morava com a nova família dele – ele, Dona Áurea e a filha dela, Cacilda. Rua Joaquim Silva, nº 35. Ali ao lado de onde hoje está a escadaria Selarón. Aquela escadinha era como o quintal da minha casa. Era onde eu brincava com meus novos amigos. Com eles e com a Léa, que era vizinha e foi minha namorada. Nós usávamos um código quando íamos nos encontrar. Eu batia na parede dela, ela respondia batendo de dentro.

Pedro Malta: E qual era a diversão de vocês?

Haroldo Costa: Principalmente, o Cinema Lapa e o Cinema Colonial, os dois polos da nossa diversão. O Lapa ficava onde hoje é a sede do Tá na Rua e o Colonial, no Largo da Lapa – onde hoje está a Sala Cecília Meirelles. A entrada custava mil e cem. Meu pai me dava mil e cem réis e eu ia ao cinema ver “Flash Gordon”, “Tom Mix” e todos aqueles filmes que chegavam dos Estados Unidos e a molecada ficava doida pra ver. Era sala cheia!

Pedro Malta: Qual era o trabalho de seu pai?

Haroldo Costa: Ele teve algumas ocupações, mas a principal foi a de alfaiate. E a alfaiataria era na nossa casa, onde ele recebia os clientes, tirava

Quinho, o intérprete da escola: “Explode, coração / Na maior felicidade / É lindo o meu Salgueiro / Contagiando e sacudindo esta cidade...”

as medidas, aquelas coisas todas. Me lembro dos apetrechos dele: manequim, tesoura, régua, linhas, agulhas, giz... Mas eu gostava mesmo da biblioteca dele. De ver os livros, os títulos nas lombadas... Um deles: “Memórias de um médico”, de Alexandre Dumas. Nunca me esqueci.

Pedro Malta: E Dona Áurea, trabalhava com o quê?

Haroldo Costa: Era dona-de-casa e responsável pela parte culinária.

Pedro Malta: E como era a vizinhança? Nessa Lapa dos anos 1940 o que não faltava era malandro...

Haroldo Costa: Ah, a gente via, naquele vaivém todo e estava tudo certo. Madame Satã² era amigo do meu pai. Volta e meia ele estava lá em casa para fazer roupa. Queria que meu pai fizesse ternos brancos que balançassem enquanto ele andava. Era uma figura! Mas sabe que, embora ela tenha ficado para a história como malandro, a gente ali não o conhecia

² Personagem da vida noturna carioca, Madame Satã foi uma figura emblemática do bairro boêmio da Lapa, sendo lembrado principalmente como ícone da malandragem, embora tenha trabalhado como garçom, cozinheiro e segurança em bares e casas noturnas daquela região. Tinha oito anos quando chegou ao Rio de Janeiro vindo do Nordeste, sua região de origem — era pernambucano de Glória do Goitá, nascido em 25-02-1900. Já na adolescência, vivia por conta própria, sustentando-se como ambulante e defendendo-se com golpes de capoeira que aprendera nas ruas. Assumidamente homossexual, apresentou-se como transformista em shows noturnos e espetáculos teatrais e, ao vencer um concurso de fantasias no carnaval de 1938, ganhou o apelido pelo qual ficou conhecido. Dos enfrentamentos à polícia e à lei resultaram inúmeras prisões (às vezes por vadiagem, outras por homicídio, entre outros crimes), muitas delas na Colônia Penal de Dois Rios, na Ilha Grande. Faleceu aos 76 anos (12-04-1976), no Rio de Janeiro, em decorrência de um câncer no pulmão.

ou rotulava como malandro? Ele era do meio, vivia na Lapa e trabalhava, embora as pessoas não soubessem. Trabalhava nos cabarés da Lapa, como o Novo México. Tinha esse e mais uns três ou quatro por ali. Era onde o Satã trabalhava.

Pedro Malta: Você chegou a ir nesses cabarés?

Haroldo Costa: A gente não entrava não. Eu e minha patota ficávamos por ali para ouvir, do lado de fora, a música que era tocada lá dentro. Eu não tive a sorte de conhecer Noel Rosa, mas me lembro de quando ouvi pela primeira vez o “Último desejo”, dele e do Vadico. Foi na porta do Novo México, cantado pela *crooner* que se apresentava na casa. Ela cantando lá dentro e a nós ali na calçada, hipnotizados, ouvindo aquele samba lindo.

Pedro Malta: É essa a sua primeira relação com o samba?

Haroldo Costa: Olha, nessa época tinha muita gente-bona do samba andando pela Lapa. Geraldo Pereira, Wilson Batista, Erasmo Silva... Mas só fui ter uma relação mais próxima mesmo com esse pessoal do samba, e me tornar amigo de muitos deles, mais pra frente, quando comecei a trabalhar no rádio. Nessa época da Lapa, os primeiros sambistas que eu conheci foram Henricão e Carmen Costa, que eram amigos do meu pai.

Pedro Malta: O velho Luís Costa era do samba então...

Haroldo Costa: Ele e o Henricão fundaram o Bloco das Meninas, que era a brincadeira do pessoal durante o carnaval e saía com os homens vestidos de mulher. De minissaia, de vestido, aquelas coisas. Wilson Batista estava nessa também. Aí tinha feijoada... Me lembro de umas latas de banha de 20 kg. Nessas latas é que Dona Áurea fazia a feijoada. O bloco saía pela Joaquim Silva, descia o Largo da Lapa, ia até a Rua do Passeio e voltava. E aí caíam todos na feijoada. Aquele feijão cheio de carnes.

Pedro Malta: E você saia nesse bloco também?

Haroldo Costa: Não, eu só olhava. Era uma brincadeira mais da turma do meu pai mesmo. Como eles adoravam aquilo!

Pedro Malta: Você estudava onde?

Haroldo Costa: Bom, eu primeiro estudei na Escola Deodoro, que ficava ali pertinho, na Rua Conde de Lages, a rua onde ficavam também o Comitê Central do Partido Comunista e o meretrício. Tudo ali, lado a lado, na mesma calçada. E não tinha razão pra espanto, porque estava tudo integrado à paisagem local. Eu ia de casa para a escola, depois ia até a Rua Taylor, onde ficava a professora Alice, que era filha de um amigo do meu pai e me ensinava inglês. Aulas às segundas, quartas e sextas.

Pedro Malta: Meu avô, que era de 1920, me contava que, ao passar pela Rua Conde de Lages, as moças chamavam os clientes da janela, falando em francês: "Viens ici, mon cheri!"

Haroldo Costa: Olha, no meu tempo essa abordagem era feita na zona do Mangue. Ali na Lapa não. Ali eram casas onde os clientes sabiam o tipo de serviço que tinha lá dentro. Não ficava ninguém na janela, não. E, por mais que não pareça, era um bairro familiar, com aquele comércio característico, o vaivém das senhoras, das crianças, amolador de facas, leiteiro...

Pedro Malta: Bairro familiar e movimentado...

Haroldo Costa: Sim! E nessas casas de família era comum ter um quarto para alugar. Lá em casa mesmo, na Joaquim Silva, meu pai alugava uma sala com sacada para quem tivesse de passagem. Muita gente morou naquele cômodo. E quando o cômodo ficava vago, meu pai pendurava uma tampa de caixa de sapato na porta. Era assim que as pessoas sabiam que determinado imóvel tinha quarto para alugar: na porta da casa estava

pendurada uma tampa de caixa de sapato.

Pedro Malta: Jacob do Bandolim passou a infância e a adolescência vivendo nessa região, onde a mãe dele, Raquel Pick, era uma das “polacas” da Joaquim Silva, como se dizia. Você o conheceu?

Haroldo Costa: Não, não. Isso foi antes da minha época ali. Conheci Jacob sim, mas muito tempo depois, na Rádio Mayrink Veiga, quando ele já era músico profissional.

Pedro Malta: Sua vida escolar foi toda na Escola Deodoro?

Haroldo Costa: Não. Tive a honra e a alegria de estudar também no Colégio Pedro II. Andava pra cima e pra baixo com aquela farda. E tive grandes professores, o mais inesquecível deles Libânio Guedes, que nos ensinava História. Foi, junto com Tia Bezinha, uma das pessoas mais importantes na minha formação. Ele era muito amigo do Joaquim Ribeiro, etnólogo importante, e me deu muita luz nesse sentido. Além da fardinha, que eu adorava, me lembro que o Pedro II tinha também um uniforme de gala pro 7 de Setembro. Um uniforme lindo, todo branco, que tinha que estar impecável pro desfile cívico do Dia da Independência.

Pedro Malta: Como é que você ia para a escola?

Haroldo Costa: De bonde. Pegava o Praça Onze ou o Central ali na Rua Mem de Sá e saltava em frente ao Pedro II. Qualquer um desses bondes me deixava lá. Era o tempo do bonde, né?

Pedro Malta: E num deles que você sofre um acidente grave...

Haroldo Costa: Isso foi no Largo da Lapa, onde passava o taioba, que era

um bonde maior e carregava coisas³. Uma espécie de cargueiro. Eu pegava o taioba para levar marmita para Dona Conceição, que era irmã da Dona Áurea e morava na Rua Dois de Dezembro, no Catete. Dona Áurea fornecia alimentação para ela e eu levava, de bonde. Mas eu tinha um jeito de pegar o bonde andando, coisa que a garotada fazia. Segurava no balaústre e pronto. Numa dessas, eu me dei mal. Com uma mão segurei o balaústre, na outra a marmita quente. E foi nessa que eu perdi o equilíbrio e o bonde passou por cima da minha perna. Um palmo acima do tornozelo. E fui levado para o Souza Aguiar.

Pedro Malta: Foi quando?

Haroldo Costa: Foi ali pelo final da guerra, meados de 1945, eu acho. Eu com 15 anos.

Pedro Malta: Imagino o baque...

Haroldo Costa: Para a família toda. E especialmente pro meu pai, como eu pude processar depois. O filho que, em fase de formação, de repente perde

³ Meio de transporte essencial na história do Rio de Janeiro, os bondes circularam pela cidade entre 1856 — quando começaram a circular os primeiros (a tração animal), ligando a Praça Tiradentes (então conhecida como Rocío) à Tijuca — e 1967, quando a última linha, no Alto da Boa Vista, foi desativada, restando apenas os bondinhos de Santa Teresa, que com o tempo se tornaram uma atração turística da cidade e, no tempo desta edição (2025), cumprem função predominantemente turística. Já da fase elétrica dos bondes (inaugurada em 1892, com uma linha no Jardim Botânico) é o taioba: tipo de bonde de segunda classe que, em tamanho maior e dotado de bagageiro, circulava pela cidade transportando tanto mercadorias quanto passageiros — às vezes com seus tabuleiros ou cestos de frutas e verduras. Era chamado também de bonde-bagageiro ou, ainda, de caradura.

a perna. E ele tinha planos para mim: queria que eu fosse remador do Vasco, assim como ele tinha sido. Eu seria o sucessor, mas não deu. Minha vida de atleta terminou antes mesmo de começar. E deve ter sido um choque pra ele.

Pedro Malta: E aí colocou prótese...?

Haroldo Costa: Não. Eu não podia, porque eu estava ainda em fase de crescimento, né? Ainda ia crescer mais. Então, uma prótese era um investimento alto para uma família como a nossa. Família pobre, mas remediada. Só depois, mais velho, eu pude colocar prótese. Até lá, ia de muletas pra todo lado: cinema, bloco das meninas, escola e até bonde. Eu tinha até um calo aqui, embaixo do braço. Mas assim seguimos.

Pedro Malta: Quando você conhece a Mary você ainda estava de muletas?

Haroldo Costa: Não. Aí eu já estava com a prótese, tanto que nos aproximamos num baile.

Pedro Malta: Quando foi isso?

Haroldo Costa: Ali por 1948, 49. Eu e minha turma não perdíamos os bailes da cidade. Bailes com orquestra mesmo. As grandes orquestras: a Tabajara, a Marajoara, a orquestra de Ruy Rei... Onde eles estivessem nós estávamos: no Botafogo, no Flamengo, na Associação Atlética do Banco do Brasil, na Associação do Comércio, que ficava na Avenida Rio Branco... Muito bolero, samba-canção, até que eu vi a Mary, que ia aos bailes com a turma de Botafogo.

Pedro Malta: Sua turma era qual?

Haroldo Costa: Eu era da turma dos estudantes. Porque as pessoas iam em

turmas, né? Como naquele filme, “West side story”. Tinha a turma dos comerciários, a turma do esporte, os mecânicos de automóvel... Era assim. E eu com os estudantes. E assim tirei a Mary para dançar e estamos dançando até hoje.

Pedro Malta: Você estava com os colegas do Pedro II?

Haroldo Costa: Não só. Eu já frequentava a AMES, a Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas, que depois se tornaria a União Nacional dos Estudantes (UNE). E onde me iniciei politicamente, depois de me aproximar de outras pessoas que eram ligadas ao Partido Comunista. Conheci Maurício Graboys, Claudino José da Silva, que era negro... Comecei a participar das discussões, escrevi no Jornal da Juventude e cheguei a presidente da AMES.

Pedro Malta: É por essa época que você começa a trabalhar?

Haroldo Costa: É. Eu tinha um colega do Pedro II, chamado Moisés Weltmann, que viria a ser diretor de revista. E foi ele que me arranhou um emprego na Rádio Mayrink Veiga. Minha tarefa era copiar, passando em mimeógrafo, a programação que ia ao ar. Eu copiava. E distribuía entre os atores. Aquele papel roxo, aquele cheirinho de álcool, as mãos saíam sujas... Meu primeiro emprego.

Pedro Malta: E conheceu os artistas...

Haroldo Costa: Imagina! Cyro Monteiro, Odete Amaral... Todo mundo. Paulo Gesta, que trabalhava na discoteca da Mayrink. Foi lá que comecei, com o Paulo Gesta.

Pedro Malta: E no teatro, como você começa?

Haroldo Costa: De maneira totalmente casual. A UNE, que ficava na Praia

do Flamengo, oferecia cursos de alfabetização para adultos, e eu me ofereci para dar aula nesse curso, incentivado pelo meu pai. Até que no salão de entrada do prédio da UNE estava ensaiando o pessoal do Teatro Experimental do Negro⁴ e alguém faltou. Então foram à sala de aula e perguntaram se eu poderia ler um texto. Depois da aula, fui lá e li. No dia seguinte, a mesma coisa. Até que na quarta vez disseram: “O papel é seu.” O papel era o peregrino, da peça “O filho pródigo”, do Lúcio Cardoso, com direção de Abdias do Nascimento. Aí estreei como ator, em 1947, no Teatro Ginástico.

Pedro Malta: Um marco não só pra você, como também - e sobretudo - para a luta contra o racismo no Brasil...

Haroldo Costa: Sim, porque o movimento estudantil, do qual eu já participava, não tinha atritos dessa natureza. A politização era discutida em torno da educação, da cultura, do teatro, etc. Mas a questão racial, embora já estivesse exposta, não era discutida. A partir daí, por essa mesma época, veio a revista Quilombo, quinzenal, na qual escrevi. Foi realizado, também por iniciativa do Teatro Experimental do Negro, um concurso de misses só para negras, em contraponto ao tradicional concurso de misses...

⁴ Fundado por Abdias do Nascimento, juntamente com outros intelectuais, o Teatro Experimental do Negro (TEN) iniciou suas atividades em 1944, estreando no ano seguinte, quando encenou a peça “O imperador Jones”, do estadunidense Eugene O’Neill, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Suas atividades, no entanto, foram além das artes cênicas, com outras frentes de reflexão e ação do povo negro no Brasil, entre elas eventos como concursos de beleza e também publicações como o “Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro”, jornal criado em 1948 e que contou com Haroldo Costa entre seus colaboradores. As atrizes Lea Garcia e Ruth de Souza são algumas das personalidades do teatro brasileiro que contribuíram para a história do TEN.

Pedro Malta: Imagino a reação de uma certa parte da população...

Haroldo Costa: Ninguém tem coragem de assumir esse outro lado da história, né? Mas preciso dizer que a corrente a favor era muito grande, viu? E atuante. O Teatro Experimental do Negro despertou isso. Porque até ali tinha quem se incomodasse: "O que esses crioulos estão fazendo...?" Ninguém falava alto, mas falava. Aquela fala assim de lado, de quem está incomodado.

Pedro Malta: Conta-se que, quando "Orfeu da Conceição" estreou no Theatro Municipal (1956), com aquele elenco integralmente negro, houve quem se manifestasse publicamente contra.

Haroldo Costa: Pode até ter acontecido... Mas o Vinicius tinha com ele dele toda a *intelligentsia* carioca. Aquela turma de jornalistas, redatores e radialistas que se reunia no Villarino ou no Vermelhinho: Paulo Mendes Campos, Lúcio Rangel, Fernando Sabino, Sérgio Porto, Fernando Lobo, Antônio Maria, Eneida... Todo mundo. Até Pablo Neruda conheci numa dessas noites. Mas eram esses os dois bares que eu frequentava, sempre na companhia de alguém, pois estava sempre duro. E essa turma se entusiasmou muito com o "Orfeu da Conceição" e assim se manifestou nos jornais ou revistas onde trabalhavam, de maneira favorável. E era tudo tão bonito, tão bem feito, que era difícil pichar, viu?

Pedro Malta: E você no papel de Orfeu, recém-chegado da Europa...

Haroldo Costa: A primeira vez que eu soube desse espetáculo foi em Paris, numa feijoada que o Vinicius ofereceu, na residência dele, para o elenco da Brasileira. Ele servia, nessa época, como diplomata na França e esteve sempre por perto do nosso grupo quando passamos por lá com nosso espetáculo. Nos ajudou, inclusive, com burocracias locais. E aí, durante essa feijoada, ele me chamou em particular no escritório e me mostrou o texto do "Orfeu", que eu vi, sem ideia de que dali a algum tempo, já de volta

ao Brasil, eu interpretaria o protagonista.

Pedro Malta: O que era e como se formou a Brasileira?

Haroldo Costa: A Brasileira foi um grupo artístico que se formou a partir de uma cisão no Teatro Experimental do Negro. A gente não estava satisfeito com o repertório. O repertório de teatro tradicional, de teatro clássico... Quando eu saí, eu queria um espetáculo nosso. A gente queria chacoalhar mais naquele contexto em que, por exemplo, Nelson Rodrigues estreou uma peça, "O anjo negro", em que o ator entrava pintado de preto, o que contrariava todas as nossas convicções. Queríamos e precisávamos fazer diferente.

Pedro Paulo: Puseram um ator branco com "black face".

Haroldo Costa: Sim. Era o Orlando Guy, que aliás era muito bom ator. Mas não concordávamos com aquilo. E nem podíamos concordar, né? Mas algo que se fazia nessa época. Então, desta cisão criamos o Grupo dos Novos, do qual se formou, depois, o Teatro Folclórico Brasileiro. E assim fomos viajar por aí, começando pela América do Sul e, depois, pela Europa. No meio dessa grande viagem internacional – de quatro anos ao todo, entre 1950 e 55 – é que adotamos o nome Brasileira. Mostrávamos o folclore brasileiro. E foi um sucesso por onde passou.

Pedro Malta: O que você fazia, exatamente, nesse espetáculo?

Haroldo Costa: De tudo. Fui autor, produtor, diretor, ator e até música eu fiz para algumas cenas. Como "Roda a moenda", que depois a Inezita Barroso gravou. Ou seja, posso dizer que joguei nas onze. E pra mim valeu como uma escola.

Pedro Malta: Mary também foi nessa turnê...

Haroldo Costa: Estava, mas só nos casamos na volta. Já éramos namorados, e eu queria me casar lá, em plena turnê, mas ela não. Assim, nos casamos depois que chegamos de volta, na Igreja de Nossa Senhora da Glória, que está até hoje no Largo do Machado. E aí fomos morar na Rua Gustavo Sampaio, no Leme.

Pedro Malta: E antes da viagem você ainda morava na Rua Joaquim Silva?

Haroldo Costa: Não. Nessa época eu já morava numa pensão na Rua da Lapa. Mas antes disso me mudei com meu pai e a família para a Rua Ana Neri, perto da Estação Riachuelo, e de lá a gente volta para a Lapa, indo morar na Rua do Riachuelo. Mas aí me desentendi com meu pai e fui para essa hospedaria na Rua da Lapa. Eu já tinha meu dinheirinho, das coisas que vinha fazendo no rádio, e saí de casa. Na verdade, eu não alugava um quarto, mas uma cama. E a roupa eu colocava entre a cama e o colchão, para amanhecer passada. Mas quando eu não tinha dinheiro pra pagar a pensão, quem me dava uma força era meu amigo José Medeiros, o fotógrafo, que me deixava dormir no carro dele. O Austin dele virava meu quarto, até que eu conseguisse de novo juntar dez mil réis, que era quanto custava o aluguel da cama.

Pedro Malta: Pode-se dizer, então, que você foi do carro do José Medeiros para a turnê internacional...

Haroldo Costa: (Risos) Também não é assim, né? Eu estava na hospedaria da Rua da Lapa. Mas que fica mais interessante dessa maneira, fica.

Pedro Malta: E quando você chega da viagem, sua atividade profissional deslança e, aí sim, a história fica mais interessante...

Haroldo Costa: Ah, sim. Além de virar homem casado, faço o "Orfeu da Conceição", a peça encenada no Theatro Municipal que com o tempo vai

ser lembrada como um momento importante do teatro brasileiro. Fora o fato de ter sido a primeira vez em que se pôde ouvir os sambas da parceria histórica que Vinicius de Moraes, autor da peça, formou com Tom Jobim. Isso em 1956, antes da bossa nova.

Pedro Malta: E lá estava o filho de Eurídice interpretando o Orfeu...

Haroldo Costa: Pois é. E contracenando com meu amigo Ciro Monteiro, o grande cantor, que interpretava o Apolo, pai do Orfeu. E com Daisy Paiva, filha do maestro Vicente Paiva, no papel de Eurídice. E Lea Garcia no papel de Mira, ex-namorada do Orfeu... Era um elenco e tanto.

Pedro Malta: E mesmo com o sucesso do “Orfeu” você não fica só no teatro...

Haroldo Costa: Vida de recém casado, né? Queria e precisava trabalhar, estava sempre atento ao que pudesse pintar. Como no Villarino, onde conheci o Sérgio Porto, que me convidou para cobrir as férias dele escrevendo com o jeito dele – ou melhor, com o jeito do Stanislau Ponte Preta – na coluna que ele tinha na Última Hora, com muita repercussão. Nessa mesma época comecei a produzir e apresentar um programa na Rádio Mec, o Estampas Brasileiras, entrevistando personalidades da música popular, com bastante sucesso. E fiz os primeiros trabalhos de TV na Tupi, onde pude colocar em prática o que aprendi na BBC, onde fiz um curso quando a Brasiliana passou por Londres. Ou seja, as coisas começaram a acontecer.

Pedro Malta: O primeiro filme que você dirige é por aí também, não?

Haroldo Costa: Primeiro e único (risos). Eu costumava brincar com o Cacá Diegues: sou cineasta de um filme só. E esse filme foi o “Pista de grama”, que fui convidado a fazer quando trabalhava na TV Continental, ali em Laranjeiras. O filme foi lançado em 1958 e me orgulho especialmente de

uma cena: eu precisava de uma música para ser cantada pela Elizeth (Cardoso) e fui pedir ao Vinicius (de Moraes). Ele, que vinha compondo com o Tom para o disco “Canção do amor demais”, me entregou uma música feita especialmente para a ocasião: essa música era “Eu não existo sem você”.

Pedro Malta: Já o Haroldo Costa autor de livros demorou um pouco mais para estreitar...

Haroldo Costa: Ah, sim. Isso já foi no comecinho da década de 1980, quando fiz o “Fala, crioulo”. Mas essa história vem de antes, da minha amizade com o Homero Icaza Sanchez, um panamenho que tinha sido secretário do Manuel Bandeira e trabalhava como diretor de pesquisa da TV Globo, onde nos conhecemos. Certo dia, ele me deu um livro que eu adorei: chamava-se “Working” e contava a história de trabalhadores dos Estados Unidos através de depoimentos em primeira pessoa. Achei aquilo genial. E me veio uma ideia: traçar um painel de como vive o negro no Brasil através de depoimentos de brasileiros negros dos mais variados estratos sociais e profissões. Meu amigo Carlos Leonam, jornalista que trabalhava na editora Record, levou a ideia ao dono da editora, Alfredo Machado, que topou a ideia. Daí veio o “Fala, crioulo”, que saiu com depoimentos do bispo à prostituta, mais o Pelé, o embaixador Raimundo Souza Dantas, o cineasta Zózimo Bulbul, o fotógrafo Januário Garcia... É o painel diverso que eu queria fazer.⁵

⁵ Depois de “Fala, crioulo: o que é ser negro no Brasil” (Ed. Record, 1982), Haroldo Costa seguiu em sua trajetória de escritor, com títulos predominantemente sobre carnaval e cultura popular. Desta obra destacam-se “Salgueiro: academia de samba” (Ed. Record, 1984), “Na cadência do samba” (Ed. Novas Direções, 2000), “100 anos de carnaval no Rio de Janeiro” (Ed. Irmãos Vitale, 2000), “Salgueiro, 50 anos de glória” (Ed. Record, 2003) e “Álbum de retratos: Ruth de Souza” (Ed. Memória Visual, 2008), entre outros. Também escreveu os textos que acompanham os

Pedro Malta: Como você vê a luta antirracista aqui no Brasil nos dias atuais?

Haroldo Costa: Ainda há muito por ser feito, mas já avançamos bastante. Quando comecei nessa história, era só o Quilombo, o jornal em que eu escrevia. E hoje, apesar de tantos resquícios racistas no Brasil, temos avanços. Hoje é sabido, por exemplo, que não se pode falar em cultura brasileira sem a cultura negra, sem tudo que os negros já fizeram neste país. Fora o fato de racismo ter sido tipificado como crime, o que é outra conquista importante. E que resulta de um trabalho que não é hoje que vem sendo feito e que precisaremos continuar fazendo, continuamente. Eu costumo dizer que não sou de levantar bandeira, mas de fazer – fiz teatro, fiz shows, livros, programas de rádio, programas de TV e por aí vai.

Pedro Malta: E como é que você entra no universo das escolas de samba e do Salgueiro?

Haroldo Costa: A primeira escola que conheci não foi o Salgueiro, mas a Mangueira, no tempo em que ela ensaiava na cerâmica. Lá conheci Jamelão, Xangô, Zagaia, Gigi da Mangueira, Neuma, Nininha Xoxoba, Carlos Cachaça, Cartola, Chico Porrão... O Chico morava ao lado da cerâmica, me lembro dele assistindo aos ensaios apoiado no muro.

Pedro Malta: Mas você chegou a se identificar com a Mangueira?

Haroldo Costa: Ah, eu gostei daquilo, né? Mas posso dizer que gostava de todas. Daquela manifestação cultural que eram as escolas de samba, como um todo.

desenhos do cartunista Lan no livro “É hoje: as escolas de Lan” (Ed. Irmãos Vitale, 1978), que inspirou o enredo da escola de samba União da Ilha no carnaval de 1982.

Pedro Malta: E o Salgueiro?

Haroldo Costa: Eu já gostava daqueles enredos que o Salgueiro vinha fazendo: “Quilombo dos Palmares”⁶, “Aleijadinho”... Até que veio o carnaval de 1963 e eu era jurado do desfile. Aí, quando o Salgueiro entrou na Presidente Vargas com “Chica da Silva”, senti uma emoção diferente. Aliás, não só eu. O público percebeu que estava diante de algo especial naquele momento. Mas eu só me lembro da escola entrando na avenida, o sol nascendo por detrás da Candelária e eu me acabando de chorar, naquela cabinezinha. Já tinha virado salgueirense.

Pedro Malta: E a Mary já desfilava pelo Salgueiro?

Haroldo Costa: Ainda não. A primeira vez dela desfilando com as irmãs no Salgueiro foi no quarto centenário (1965), no enredo “História do carnaval carioca”. Outro desfile marcante, não só por causa das Irmãs Marinho⁷, mas

⁶ “Quilombo dos Palmares” foi o primeiro enredo desenvolvido e executado pelo carnavalesco Fernando Pamplona (com Arlindo Rodrigues, Marie Louise Nery e Dirceu Nery) para a Acadêmicos do Salgueiro, que naquele ano de 1960 conquistava o primeiro título de sua história. Pois os enredos de temática africana foram uma das marcas do trabalho de Pamplona (cenógrafo e professor da Escola Nacional de Belas Artes), na transformação que ele promoveu — juntamente com Arlindo Rodrigues, Joãozinho Trinta, Max Lopes e Rosa Magalhães, entre outros alunos e/ou discípulos — na maneira de se conceber e realizar desfiles das escolas de samba.

⁷ Formado pelas irmãs Olívia, Norma e Mary (Maria Luiza) Marinho, o trio de passistas conhecido com Irmãs Marinho foi uma das novidades apresentadas — com muito sucesso — pela escola de samba Acadêmicos do Salgueiro na década de 1960. Nascidas e criadas em Laranjeiras, mesclaram, nos desfiles de carnaval, a dança do balé clássico — que

também pelo enredo inspirado naquele livro da Eneida. E foi mais um título salgueirense.

Pedro Malta: Aliás, que ótima personagem da cidade foi Eneida...

Haroldo Costa: Era uma paraense apaixonada pelo Rio. Uma guerreira, com posições políticas explícitas, filiada ao Partido Comunista... Uma autêntica vanguardista. Boêmia, cronista, jornalista, escrevia no Diário de Notícias. Não bastasse tudo isso, criou o Baile do Pierrô e fez esse livro, que é uma referência na história do carnaval.

Pedro Malta: E aí, em 1982, a União da Ilha sai com o enredo inspirado em outro livro sobre carnaval: “É hoje”, com desenhos do Lan e textos seus...

Haroldo Costa: Um desfile muito bonito do Max Lopes. Não ganhou o título, mas levou o Estandarte de Ouro de melhor escola. E ainda teve aquele samba do Didi e do Mestrinho que estava na boca do povo. E está até hoje, né? É um dos sambas-enredo que não ficaram restritos ao carnaval e permaneceram no repertório da música popular brasileira.

Pedro Malta: Um samba eterno, obrigatório em qualquer antologia de sambas-enredo...

Haroldo Costa: E o livro que estou escrevendo tem a ver com isso, sabia? É sobre os sambas-enredo que contam a História do Brasil e deve sair em breve. Vai se chamar “A História do Brasil na boca do povo”, que é o que esses sambas fizeram: pra muita gente a principal lembrança que vem

aprenderam na academia de Maryla Gremo, primeira bailarina do Theatro Municipal — com a paixão pelas tradições carnavalescas: Carmem, a mãe delas, foi porta-estandarte do famoso rancho Ameno Resedá.

quando se fala numa passagem histórica ainda é algum samba-enredo antigo sobre D. Pedro I, Duque de Caxias, Chico Rei, Vargas, Chica da Silva...

Pedro Malta: Ou seja: aos 95 anos, você continua na ativa...

Haroldo Costa: Eu tento, né? Outro dia levei um tombo aqui perto de casa, depois de tropeçar num buraco na calçada de pedras portuguesas e, assim, tenho estado mais em casa. E aí vou aproveitando para dar os retoques finais no livro.

Pedro Malta: E essa memória tinindo? Como faz pra chegar aos 95 assim?

Haroldo Costa: "Tome Fimatosan!" (risos) Brincadeira. Rapaz, eu não sei. Parece que eu vim assim de fábrica. Talvez seja a curiosidade que eu sempre tive nas coisas. Talvez seja o gosto pela leitura, pelos livros. Não sei.

Pedro Malta: Nessa trajetória toda, algum arrependimento ou tristeza que te martele na lembrança?

Haroldo Costa: Arrependimento, não. Não mesmo. Tristeza, sim. A perda do André, filho único meu e da Mary, uma pessoa que sabia viver, que gostava da vida, mas que esteve por aqui só até os 22 anos, em 1984. Ele tinha anemia falciforme, uma doença chatíssima, mas não se deixou abater. Encarou de cabeça erguida, sem se vitimizar. E era um cara muito legal, viu? E uma saudade que eu tenho. Era namorador, adorava o Flamengo e tinha essa curiosidade pelas coisas que eu te digo. Era louco por cultura... Percorria os museus conosco quando viajávamos. Gostava dos pintores, especialmente Diego Rivera.

Pedro Malta: E o teu pintor preferido?

Haroldo Costa: São dois. Carlos Scliar e Emmanuel de Araújo.

Pedro Malta: E escritor?

Haroldo Costa: Jorge Amado.

Pedro Malta: Compositor?

Haroldo Costa: Vinícius de Moraes. E Tom Jobim.

Pedro Malta: Um cantor e uma cantora...

Haroldo Costa: O cantor é o Cyro Monteiro. A cantora, Elizeth Cardoso.

Pedro Malta: E sua música preferida, qual é?

Haroldo Costa: "Se todos fossem iguais a você".

Pedro Malta: Tem um time de futebol?

Haroldo Costa: Clube de Regatas do Flamengo.

Pedro Malta: Mesmo com pai ex-remador do Vasco...?

Haroldo Costa: Mas ele só remava pelo Vasco. No futebol era rubro-negro.

Pedro Malta: Um grande brasileiro...

Haroldo Costa: Darcy Ribeiro.

Pedro Malta: E um grande carioca...

Haroldo Costa: Eneida de Moraes, que era paraense. E o Lan, meu

concunhado, que era italiano. Quer dizer, dois cariocas nascidos longe do Rio de Janeiro.

Pedro Malta: E um orgulho que você sente?

Haroldo Costa: A “Brasileira”, um sucesso que abriu portas pra muita gente.

Pedro Malta: Obrigado, Haroldo.

Haroldo Costa: Não tem de quê. Volte sempre.

